



PRÁTICAS DISCIPLINARES NA CULTURA ESCOLAR DO COLÉGIO ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE (1953-1959)

Autora: Nita Keoma Lustosa de Sousa

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, nitakeomals@hotmail.com.

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar como o Colégio Estadual de Campina Grande, localizado na cidade de Campina Grande – PB, produziu estratégias para disciplinar os corpos dos seus alunos e alunas, durante a década de 1950, período referente à primeira década de funcionamento do colégio. Através da educação diferenciada por gênero, pelo militarismo e o nacionalismo, buscarei discutir os conceitos, dialogando com as fontes orais, narrativas de memória de ex-alunas do colégio e fotografias referentes à época e fotografias atuais. Analisarei, a partir dos relatos, como as narradoras rememoram suas experiências estudantis e como foi construída a memória oficial do colégio.

Palavras-chave: educação, disciplina, cultura escolar, memória.

INTRODUÇÃO

O Colégio Estadual de Campina Grande foi fundado no ano de 1953¹, sua inauguração foi noticiada pelos jornais locais como algo marcante para a história da educação campinense. Até os dias atuais, as representações em torno do colégio, que é popularmente conhecido como Estadual da Prata, são representações positivas da História oficial. Muito se fala sobre o comportamento “exemplar” dos alunos que estudaram no colégio, mas as experiências dessa docilização são silenciadas. Estudar sobre as práticas disciplinares do colégio para educar e docilizar os corpos dos alunos é uma forma de compreender como foram produzidos esses corpos para serem dóceis e questionar o sucesso dessa pedagogia, como será que os alunos do colégio Estadual de Campina Grande subjetivavam as investidas do colégio

para disciplinar seus corpos? Será que os alunos e alunas eram sempre obedientes, como rememoram os ufanistas, ou nos espaços esquecidos e descuidados pela estratégia disciplinar, os alunos encontravam meios de burlar essas regras?

Foi através desses questionamentos que resultou o presente trabalho, uma revisão e reformulação do que discuti em meu trabalho de conclusão de curso, defendido no ano de 2015, no curso de Licenciatura em História pela UFCG². Neste trabalho, discutirei os conceitos de disciplina³ e corpos dóceis⁴, a partir de Michel Foucault (2012), pedagogias do corpo com Guacira Lopes

² Universidade Federal de Campina Grande.

³ Entendendo disciplina como “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 133.

⁴ Entendendo como corpos dóceis “corpos submissos e exercitados”. FOUCAULT, Michel. 2012, p. 133.

¹ O colégio foi fundado no dia 31 de janeiro de 1953.



Louro (2010), táticas⁵ e estratégias⁶ com Michel de Certeau (2012). Para a análise das fontes, partirei do conceito de representação⁷ trabalhado por Tomaz Tadeu da Silva, analisando as narrativas de memórias de duas irmãs que estudaram no Estadual de Campina Grande durante a década de 1950, Cleonice Agra do Ó e Creusolita Agra de Almeida, um ex-aluno, ex-professor e ex-diretor, Frenando Azevedo, que pesquisou a história do colégio, e durante os anos de 1950, frequentava o colégio, como filho de uma professora estabeleceu relações de amizade com os alunos da época, e fotografias que retratam o alunado e o colégio na época e fotografias atuais.

DISCUSSÃO

O Colégio Estadual de Campina Grande é reconhecido na cidade de

⁵ Entendendo por táticas: a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua. Fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. CERTEAU. 2012, p. 45-6.

⁶ Compreendendo estratégia como “o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. CERTEAU. 2012, p. 45.

⁷ Concebendo o conceito de representação como uma forma de atribuição de sentido [...] um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado às relações de poder. SILVA. 2011, p. 6.

campina Grande como uma notável obra arquitetônica. Gigante⁸ no seu tamanho, o colégio ocupa um quarteirão do Bairro da Prata. Acompanhando as tendências arquitetônicas da época, influenciadas pela Arte-décor, o Estadual da Prata, no início dos anos de 1950, ganhou destaque pelo seu tamanho e pela sua beleza. O prédio onde o colégio ainda funciona, tem dois andares. Com enormes corredores e escadas nas laterais, que dão acesso as salas do andar superior. As salas de aulas têm a capacidade de formar turmas com, no máximo, 40 alunos.

Cleonice Agra do Ó, que estudou no Estadual de Campina Grande em 1954, conta-nos que o colégio dividia os alunos por gênero, “Naquele tempo eram masculino e feminino né, não havia essa mistura. As turmas eram femininas de manhã e masculinas à tarde, e as turmas não eram grandes, que as salas devem ser do mesmo tamanho né?⁹”. Esta divisão era uma norma estabelecida pela Lei Orgânica para o ensino secundário de 1942.

Art. 25. Serão observadas, no ensino secundário feminino, as seguintes prescrições especiais:

- I. É recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina.
- II. Nos estabelecimentos de ensino secundário frequentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de

⁸ O que lhe rendeu o apelido de “Gigantão”.

⁹ Entrevista de Cleonice Agra do Ó, cedida à Nita Keoma Lustosa de Sousa em 23 de maio de 2013.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério de Educação.
- III. Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica.
 - IV. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar¹⁰.

Como podemos observar desde os anos de 1940, a educação feminina deveria ser diferenciada e separada da educação masculina, a Lei Orgânica de 1942 ainda vigorava durante os anos de 1950 e o currículo escolar do colégio Estadual de Campina Grande obedecia a esses critérios¹¹. Segundo Guacira Lopes Louro (2010)¹², a “escola pratica a pedagogia da sexualidade, o disciplinamento de corpos”. As maneiras de pedagogizar os estudantes eram executadas de formas diferenciadas, conforme as identidades de gênero que lhes eram instituídas e, assim, os estudantes estavam cientes dos papéis sociais que deveriam exercer. Uma sociedade para ser considerada moderna precisaria ser

¹⁰ Câmara dos Deputados. DECRETO-LEI Nº 4.244, DE 9 DE ABRIL DE 1942. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso dia, 16 de fevereiro de 2015.

¹¹ A Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942 permaneceu em vigor até a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no ano de 1961.

¹² LOURO. 2010.

uma sociedade civilizada. No Brasil, os projetos político-sociais do Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema (1934-1945), exprimem esse sentimento de “civilizar” o Brasil através da educação e da higienização. Segundo Louro (2010, p. 17),

O propósito desses investimentos escolares eram a produção de um homem e de uma mulher “civilizados” [...].

A ação pedagógica mais explícita [...] voltava-se de forma manifesta para os atributos lógicos e intelectuais que, supostamente, seriam adquiridos na escola através de práticas de ensino específica. O investimento mais profundo, contudo, o investimento de base da escolarização se dirigia para o que era substantivo: para a formação de homens e mulheres “de verdade”.

Neste processo de pedagogização de corpos a disciplina era um método indispensável, pois a “disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”, através de uma “arte do corpo humano”” que o torna habilidoso e obediente, de forma que o corpo é adestrado a suportar a rotina e a subjetivar normas.

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais¹³...

¹³ LOURO. 2010, p. 21.



Fora do espaço escolar esse comportamento seria reproduzido e assim iria se constituindo uma sociedade civilizada. Separar as turmas por gênero seria uma estratégia disciplinar, visando os papéis que os alunos deveriam exercer na sociedade, assim como estabelecer limites entre esses corpos, pautada nas representações de respeito. O método disciplinar é um trabalho minucioso e com técnicas estratégicas. Entre essas técnicas, “a escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente¹⁴”. Ou seja, para disciplinar os corpos o trabalho deveria ser feito a partir dos detalhes, nos dois últimos parágrafos do artigo nº 25 da Lei Orgânica do ensino secundário, os objetivos são claros, educar as moças para o lar, para isso a disciplina de economia doméstica seria exclusiva para as moças, assim como a disciplina de trabalhos manuais seria exclusivo para os homens.

Dona Eulália que era professora de Educação Doméstica também fazia exposição dos álbuns que a gente fazia os objetos de Economia doméstica. Ah, meu deus! Os álbuns de educação doméstica! Que a gente recortava das revistas, aquelas geladeiras cheias de coisa... [...] Ahh era ensinar a pregar botão, é... Fazer bainha, é... Muita coisa de casa. E a gente fazia um álbum, com receitas, com as casas que a gente recortava daquelas revistas coloridas, a gente tinha que fazer a sala, então a gente

fazia a sala aí tinha que escrever alguma coisa sobre a sala, e colocava umas figuras, era Economia doméstica o nome da disciplina, e Eulália era a professora¹⁵.

Como podemos observar, o conteúdo da disciplina de Economia Doméstica era ensinar as moças a serem “boas donas de casa”, embora esse aprendizado já se iniciasse dentro de casa com suas mães, aprender na escola a “fazer bainha, pregar botão” reforçaria o “papel que as mulheres deveriam assumir na sociedade.” Caso as moças se “desvirtuassem” para os papéis que deveriam ser ocupados pelos homens, influenciadas pelo aprendizado com as letras ou os números, a profissão escolhida estaria aproximada da sua “vocação natural”¹⁶ para vida doméstica.

O controle sobre os alunos e alunas não se apresentava apenas na sala de aula e no seu currículo, a arquitetura do colégio contribuía para esse processo disciplinar. Na

¹⁵ Entrevista de Cleonice Agra do Ó cedida à Nita Keoma Lustosa de Sousa em 23 de maio de 2013.

¹⁶ No início do século XX o Brasil vai adotar um modelo político-social e cultural influenciados nas ideologias da burguesia europeia. Com a ascensão da burguesia, após a revolução industrial, a relação dos sujeitos com o trabalho e as suas divisões sociais passaram a ser uma das principais características da Modernidade. Além das divisões de classes burguesas e proletariado as divisões de gênero também eram instituídas pela divisão do trabalho. Os homens ocupavam papéis na “esfera pública” e as mulheres na “esfera privada”, dessa forma, o trabalho não era um papel do feminino, desde que esse trabalho fosse um prolongamento do seu papel feminino “natural”, ou seja, trabalhos relacionados ao lar e a maternidade. HALL. 1991.

¹⁴ FOUCAULT. 2012, p. 132-133.



entrada principal do Estadual de Campina Grande tem uma escada central, que dá acesso ao salão nobre. O salão nobre é uma enorme sala decorada com moveis de madeira maciça, vindos do Paraná¹⁷, espelhos e estantes que com o passar dos anos foram decoradas pelos troféus que o colégio ganhava em desfiles cívicos e disputas esportivas. Neste salão eram realizadas cerimônias e foi nesse mesmo salão que ocorreu a cerimônia de inauguração da escola¹⁸. Na varanda do salão nobre, uma vista panorâmica para o pátio. Da varanda, o diretor poderia observar o comportamento dos alunos a fim de vigiá-lo. O prédio seguia os padrões das modernas instituições que seguiam à lógica do panoptismo¹⁹.

Com o auxílio da arquitetura do colégio, os alunos eram constantemente vigiados sem que estes percebessem essa vigilância. No interior do colégio, um imenso corredor dá acesso às salas de aula e é dividido por escada central. Na escada central, apenas funcionários e visitantes poderiam subir (embora o colégio tenha mudado algumas regras, atualmente, a escada central ainda é proibida para alunos), as escadas laterais seriam para o uso dos alunos. As salas

eram (e são até hoje) separadas por células, para cada célula, duas salas, a metade das paredes era de pequenos cubos, através dos quais era possível alguém de fora ter uma visualização completa da sala. Entretanto, os cubos das paredes correspondiam à altura acima da cabeça de um aluno sentado, logo se alguém estivesse olhando o interior das salas, a sua presença não seria percebida.

Segundo Foucault, (. 2012, p. 164), “o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normatizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”²⁰. O olhar hierárquico na varanda do colégio, assim como os constantes passeios do diretor pelos corredores, permitia-lhe saber dos comportamentos dos alunos e também dos professores, pois estes também estavam sob o seu olhar examinador. Ao fechar as portas, a sala era do controle do professor, mas isso não representaria total autonomia. O interior do colégio permitia a vigilância sobre os alunos, professores e funcionários de forma discreta e silenciosa. Embora estivessem visíveis esses métodos de vigilância, muitas vezes não eram percebidos pelos alunos. Os banheiros, por exemplo, embora preservassem a privacidade dos alunos, no seu uso, ao mesmo tempo, possibilitava quem estivesse fora, ver quem

¹⁷ Informação obtida em entrevista com a sra. Josélia Ramos concedida à autora, Nita Keoma Lustosa de Sousa em 18 de abril de 2013.

¹⁸ Apresentadas na imagem 04.

¹⁹ Compreendendo por panoptismo um modelo arquitetônico projetado por Jeremy Bentham. Um presídio com uma torre que possibilitava a vigilância de todas as celas e o controle de todos os detentos com o olhar. FOUCAULT. 2012, p. 186.

²⁰ FOUCAULT. 2012, p. 164.



estava dentro das cabines, devido às aberturas que os revelavam²¹.

Para controlar a circulação dos alunos pelos corredores, banheiros e as portas de acesso para dentro ou fora do prédio da escola, existiam os inspetores e funcionários, Cleonice Agra do Ó se recorda de um funcionário que trabalhou na época em que ela estudou no Estadual de Campina Grande, Seu Djalma, mas conhecido como Manga Rosa, o mesmo será lembrado por outros alunos que estudaram no colégio nos anos de 1960. Foucault nos explica que;

O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente discreto, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio.

Fora do prédio onde eram realizadas as aulas, os dois túneis laterais que davam acesso ao pátio do colégio também eram controlados pelos porteiros, ninguém entrava se não estivesse devidamente fardada, essa era a regra e devia ser obedecida. Em frente aos túneis, os alunos formavam fila para ser submetidos à vistoria do fardamento.

Nós respeitávamos. A meia era bege, por exemplo, quando o inspetor de...de... Inspetor geral da escola chegava perto da gente, a gente olhava mesmo se tava com aquela meia, daquela cor... Era o detalhe que eu tô dizendo! Porque o diretor ia exigir que a meia não fosse branca, fosse a bege. Porque a farda era um tipo de farda daqui, eu tenho um retrato no Estadual da Prata que

mostra que a farda era caqui com detalhes verdes né?! Então, a gente temia, respeitava o diretor, o professor, os funcionários, mas dentro de um limite, não existia o medo²².

Neste relato percebemos como o detalhe²³ era importante para o processo disciplinar, nada deveria escapar, esse exercício despertava em Creusolita o cuidado e a autovigilância; “a gente olhava mesmo se tava com aquela meia”. Ou seja, a eficiência da estratégia do panoptismo é fazer com que aquele que é posto em vigilância se sentir sempre controlado e vigiado, mesmo que ele não esteja. Desta forma as alunas se autovigiavam e a obediência se mantinha, “o investimento continuado e autônomo do sujeito sobre si mesmo”²⁴.

Este controle sobre o fardamento consistia, não somente na docilização das estudantes, mas, também, no nome do colégio. Usar o uniforme do colégio seria como “carregar o peso daquela instituição”, a sua fama e representação social. Desta forma, “vestidas (os) com o uniforme da escola [os alunos eram] a escola! Isso implicava a obrigação de manter um comportamento “adequado”, respeitoso e apropriado, em qualquer lugar, a qualquer momento.”²⁵

²¹Sobre os banheiros e os dispositivos de vigilância. FOUCAULT. 2012, p. 167.

²² Entrevista de Creusolita Agra de Almeida cedida à Nita Keoma Lustosa em 10 de maio de 2013.

²³ Segundo Foucault a “disciplina é uma anatomia política do detalhe”. FOUCAULT. 2012, p. 134.

²⁴ LOURO. 2010, p. 22.

²⁵ LOURO. 2010, p. 19. [Grifo meu]



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sobre os uniformes masculinos, temos o relato de um ex-aluno do colégio, em uma matéria jornalística sobre o aniversário do colégio, sobre o colégio, esse ex-aluno relembra; “Primeiramente se destacava com o seu fardamento, um fardamento muito bonito. O homem parecia o militar de hoje. Então, a manga comprida, a calça comprida, logicamente! Sapato preto, meia preta.”²⁶. Neste relato, percebemos que a vestimenta dos meninos seguia o modelo do uniforme militar. O militarismo nas escolas também é um fator característico de uma educação disciplinar. A racionalização dos horários, as atividades físicas e o civismo contribuem para o processo de disciplinarização dos corpos e essa relação como o militarismo não era sem fundamento, ao observarmos um trecho da Lei Orgânica para o ensino secundário de 1942, percebemos que na escola, os alunos já eram iniciados para a carreira militar.

CAPÍTULO V DA EDUCAÇÃO MILITAR

Art. 20. A educação militar será dada aos alunos do sexo masculino dos estabelecimentos de ensino secundário, ressalvados os casos de incapacidade física. Dar-se-á aos menores de dezesseis anos a instrução premilitar, e a instrução militar aos que tiverem completado essa idade.

Parágrafo único. As diretrizes pedagógicas da instrução premilitar e da instrução militar serão fixadas pelo Ministério da Guerra.

²⁶ 60 anos Prata. TV Itararé. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UfXDuNmDNF4>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2015.

O patriotismo era um elemento presente nos currículos escolares da época, em todos os níveis escolares. A participação do colégio Estadual de Campina Grande nos desfiles cívicos da cidade é rememorada até os dias atuais. As comemorações cívicas na cidade era um momento aguardado para o colégio, que desfilava não só a sua tradição - construída em poucos anos, graças às representações acerca do colégio desde a sua construção – como o seu projeto de educação, uma educação embasada nos princípios nacionalistas da época.



Imagem 1 - Desfile de 7 de setembro de 1956²⁷



Imagem 2 – Desfile de 7 de setembro de 1956 com os homens formando a banda do colégio²⁸.

²⁷ Fontes: Fotos disponíveis no site Colégio Dr. Elpídio de Almeida-Estadual da Prata. Disponível em: <http://www.colegiodaprata.xpg.com.br/>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2015.

²⁸ Fontes: Fotos disponíveis no site Colégio Dr. Elpídio de Almeida-Estadual da Prata. Disponível em:



Nas imagens 1 e 2, podemos visualizar os uniformes femininos e masculinos do colégio, assim como essas fotografias nos possibilita observar o alinhamento perfeito das filas, como os alunos e alunas estavam posicionados e marcados em seus devidos lugares.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é portanto, nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas as posições na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruza numa linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações²⁹.

Mas os desfiles cívicos não representavam apenas um ato cívico da escola e dos seus alunos. Para os participantes, outros sentimentos eram produzidos, para além do nacionalismo.

Olhe, eu nunca perdi nenhum desfile. Nem no colégio das Damas, nem do Estadual da Prata. Onde eu estudei, eu sempre gostei de estar nos *desfiles*. Então, eu até me lembro, não vou comentar o nome da colega não, ela ficava sempre na frente do meu pelotão, porque ela tinha as pernas muito bonitas. Isso era um detalhe

<http://www.colegiodaprata.xpg.com.br/>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2015.

²⁹ FOUCAULT. 2012, p. 140-141.

(risos). E hoje eu me lembro disso é... Ela hoje é professora... Vou dizer o nome dela! Porque é uma coisa boa... Era a professora Ivanilda Master né!? A gente ficava... Dizia que ela era do primeiro pelotão porque tinha as pernas muito bonitas, mas não era isso não, é porque ela mesma queria ser³⁰.

Nos chama a atenção o comentário de Creusolita a respeito de uma colega que ficava na frente do pelotão por ter as pernas bonitas, um atributo a mais que lhe destacava diante das outras colegas e lhe colocava a frente das demais. Nos anos de 1950 os padrões de beleza não eram só estimulados nos homens, com os exercícios físicos para forjar um corpo magro e frágil em um corpo forte e de hábitos saudáveis. As revistas de moda femininas e os concursos de miss vendiam um modelo feminino de beleza e comportamento. Segundo Louro (2010, p. 17), o cinema, a televisão, as revistas e a publicidade também exercitam a sua pedagogia do corpo e da sexualidade³¹. Embora as escolas com as suas representações sobre o comportamento feminino e o masculino, embasados na moral e na religião³², os estudantes estavam dispostos a outras formas de disciplinar o corpo. Creusolita Agra de Almeida relembra sobre

³⁰ Entrevista de Creusolita Agra de Almeida cedida à Nita Keoma Lustosa em 10 de maio de 2013.

³¹ LOURO. 2010, p. 17.

³² A religião católica era muito forte no Colégio Estadual de Campina Grande, podemos perceber através das figuras dos padres no corpo docente do colégio, entre eles Padre Viana, primeiro diretor do colégio.



uma professora que despertava a curiosidade das alunas por usar dois batons, a professora Sevy Nunes. Certamente, essa professora era um modelo de feminino que despertava interesse e inspirava as alunas.

Esse modelo de feminino não era o modelo estimulado pela educação do colégio Estadual de Campina Grande, porém, nas brechas encontradas na disciplina, os (as) estudantes encontravam espaços para as burlas e inscrever os seus desejos e suas “maneiras de fazer³³” e de ser³⁴ nos símbolos caros à tradição do colégio.

Ah era complicado! Porque a saia tinha umas fitas, era uma saia caqui e tinha aquelas fitas, não podia ficar desbotado. A meia era bege, se a gente lavasse muito, naquela época não sei se existia água sanitária, mas usavam outros produtos que ficava branco, não entrava na escola com uma meia branca. Não entrava... Tinha que ser meia bege, tinha exigências frágeis, muito embora tem que ter um certo controle. Deve haver um certo controle, mas era muito rígido. As meninas dobravam o cós da saia pra ficar curtinha no meio da perna, aí lá vê o diretor, aí tinha que desdobrar aquele cós pra saia voltar para o lugar (risos). Porque a exigência era muito grande com o fardamento³⁵.

No relato de Cleonice Agra do Ó, podemos observar as táticas das alunas em

³³ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 46.

³⁴ LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade/ Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução de artigos: Tomaz Tadeu da Silva- 3. Ed.- Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010, p. 19.

³⁵ Entrevista de Cleonice Agra do Ó cedida à Nita Keoma Lustosa de Sousa em 23 de maio de 2013

burlar as estratégias disciplinares do colégio Estadual de Campina Grande. Compreendendo que, embora o colégio disponha de métodos e técnicas para disciplinar o corpo dos alunos, até mesmo de forma contínua - quando estes passam a se autovigiar - os mesmos encontram espaços para exercer suas vontades estimuladas por brechas encontradas como “pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcia de “caçadores”, mobilidades da mão de obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos³⁶”.

Escondidos dos olhos dos professores e do diretor os alunos construía um espaço de atuação que iam à contrapartida do modelo de homem e mulher que o colégio pretendia forjar, indivíduos educados, dóceis obedientes e submissos às normas. O professor Fernando Azevedo nos conta uma história em que podemos observar como os alunos conseguiam burlar as normas do colégio e a disciplina.

Eu comecei a ir no colégio em 56, 57, com seis, sete anos. Ela³⁷ ia, me levava e eu ficava lá rodando pelo colégio, ela ia dá aula. [...] Eu tinha muito amigo lá, no tempo de Ney Suassuna, quando eles terminaram o ginásio, eu fui comprar um litro de cana e um pacote de bolacha pra eles

³⁶ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 46.

³⁷ Fernando Azevedo se refere a sua mãe Vanda Elizabete, professora do colégio Estadual de Campina Grande nos anos de 1950.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

comemorarem, lá dentro do colégio. Numa mercearia que tinha lá em frente à igreja do rosário. Em 57... Me lembro como hoje... [...] Escondido! Se pegasse, vixe nossa senhora! Se pegasse naquele tempo, o povo bebendo lá dentro, era expulsa a turma todinha (risos)³⁸

Como Fernando Azevedo ainda não era aluno do colégio, e por ser filho de uma professora, possivelmente, tinha certa liberdade de transitar dentro e fora do colégio. Desta forma, ajudava e “acobertava” os alunos em suas desobediências. Percebemos que a indisciplina não era casos isolados, como relembram as narradoras, a partir dos castigos aplicados pelos professores, percebemos que as burlas também faziam o cotidiano escolar do Estadual de Campina Grande.

O único castigo, que a gente vê ainda, é quando eles expõe aqueles livros que são cobertos com caqui, que eu acho que você já viu, é... Que são grandes, e foi feito aquilo ali, os primeiros, pelo professor Suassuna, professor Raymundo Suassuna. Foi meu professor lá no Estadual da Prata, é... Era botar zero, e tinha uma história lá do zero cortado, que era um zero feito de... Aquele tempo não era caneta esferográfica, era caneta mesmo! É uma cruzinha vermelha no meio. Lá se você olhar, eu tava dizendo a Janaildo qualquer dia eu vou levar ele pra ver, muita gente que a gente conhece hoje, tirava zero cortado. Esse zero cortado era mais, não era resultado de avaliação, de conteúdo, era mais é... “se você fizer isso você tira zero”...³⁹

³⁸ Entrevista de Fernando Azevedo cedida à Nita Keoma Lustosa de Sousa em 31 de agosto de 2013.

³⁹ Entrevista de Cleonice Agra do Ó cedida à Nita Keoma Lustosa de Sousa em 23 de maio de 2013.

A partir desses relatos, concluímos que nem sempre os alunos eram “dóceis”, e as estratégias dos professores para docilizá-los através dos castigos. Segundo Foucault, o “castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve, portanto, ser essencialmente *corretivo*⁴⁰”. Podemos perceber que no colégio Estadual de Campina Grande, a cultura escolar, era muitas vezes, construída através das estratégias de disciplina e das táticas do alunado em burlar essas técnicas, presentes na arquitetura do colégio e na rotina de aulas, de horários, de organização espacial dos alunos, do currículo e do fardamento. Para ex-aluna Creusolita a disciplina do colégio não é lembrada como algo negativo ou opressor, para ela o colégio exercia “autoridade sem autoritarismo”, entretanto, para sua irmã Cleonice, essas regras, em algumas situações, eram “desnecessárias”;

A gente tem que ver o seguinte, que às vezes, por um motivo ou outro, o aluno que não podia ir com a farda, e ele ia deixar de ir pra escola? Vamos dizer, ele estava tomando um café, derramou o café, sujou é... Lavou e não enxugou, porque a farda era pesada, não era só lavar e botar pra enxugar. Havia uma rigidez, eu acho desnecessária em determinados pontos né, mas que o controle deve haver.

Embora Cleonice defenda a disciplina – compreendemos essa defesa a

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 173.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

disciplina pelo fato da entrevistada ser professora e por diversos momentos na entrevista, ter reclamado da “indisciplina” do alunado nos dias atuais- ela critica a rigidez do colégio e a falta de compreensão dos seus gestores por não abrir exceções em certas ocasiões. Estas memórias contribuem para construção da história do colégio Estadual de Campina Grande. Entretanto, lembranças como essas foram silenciadas para dar lugar às representações positivas dos resultados, o que figurou na história do colégio foi à imagem de alunos obedientes, respeitosos e disciplinados, mas sem trazer a luz, os processos, que poderiam ser dolorosos, na disciplinarização dos corpos das alunas e dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Creusolita Agra de. Entrevista concedida à Nita Keoma Lustosa de Sousa em 10 de maio de 2013

AZEVEDO, Fernando. Entrevista concedida à Nita Keoma Lustosa de Sousa em 31 de agosto de 2013.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Câmara dos Deputados. DECRETO-LEI Nº 4.244, DE 9 DE ABRIL DE 1942. Disponível em:
<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso dia, 16 de fevereiro de 2015.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HALL, Cathrine. Sweet Home In: História da vida privada, 4: da Revolução francesa à Primeira Guerra/ Michelle Perrot. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução de artigos: Tomaz Tadeu da Silva - 3. Ed. - Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

LOURO, Guacira Lopes, 2001, p. 450 apud COSTA, Ana Paula; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Ser professora, ser mulher: um estudo sobre concepções de gênero e sexualidade para um grupo de alunas de Pedagogia In: Estudos Feministas. Vol. 19 N. 2/2011.

Ó, Cleonice Agra do. Entrevista concedida à Nita Keoma Lustosa de Sousa em 23 de maio de 2013.

RAMOS, Josélia. Entrevista concedida à autora, Nita Keoma Lustosa de Sousa em 18 de abril de 2013.

Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em:
http://2.bp.blogspot.com/_LRqKt1aZer0/TJ3z_cj2QgZI/AAAAAAAAACOG/h80yUQwvNLI/s1600/image001.jpg. Acessado em: 01 de janeiro de 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. 2011.

TV Itararé. 60 anos Prata. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=UfXDuNmDNF4>. Acessado em: 17 de fevereiro de 2015.